

ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 17/03/2025

Aceito em: 15/12/2025

Publicado em: 19/12/2025

O que nos faz esperançar a infância nas encruzilhadas da atualidade?¹

What makes us hopeful about childhood at today's crossroad?

Qué nos hace esperanzar la infancia em la encrucijadas actuales

Sónia André²



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe19336>

Resumo: Este texto trata-se de uma fala, proferida na conferência de encerramento do I Simpósio Luso-Afro-Brasileiro e VI Simpósio Luso-Brasileiro em estudos da criança, realizado na UERJ³, em agosto de 2024. Nela, apontei minhas inquietações sobre os processos que nos são apresentados de forma genérica, sem respeito as especificidades e ao local de cada povo, grupo social. Levantando também apontamentos do que poderiam ser ou não as “infâncias” nestes contextos. Para tal, farei uma descrição⁴ do texto apresentado no evento, no qual, são apresentadas crianças, vozes, corpos, saberes e conhecimentos, abafados pelos sistemas euronortebrancos, sob o viés necropolitizador (Mbembe, 2018) que nos engessam e nos embrutecem, ao não respeitar e descentralizar o debate sobre as diferentes infâncias, sejam elas: meninas que passam por outras formas de educação dentro dos ritos de iniciação, em Moçambique; dentro das religiões de matrizes africanas, no Brasil; as crianças das comunidades quilombolas; dos povos originários; das periferias de nossos países ou de outros espaços invisibilizados e negados de suas existências. Estes escritos vêm da necessidade de falarmos de nós, sobre nós, a partir de nós. Uma fala ancorada nas pegadas de nossas ancestrais, pelas nossas mais velhas e pelos nossos mais velhos, buscando evitar generalizações. Pois, qualquer generalização pode nos levar a um fracasso prático e teórico, como nos ensina Bibi Bakaré-Yusuf (2003).

Palavras-chave: Infâncias; Invisibilização; Educação.

¹ Tema dado pela organização do evento, que assim como as falas, irei manter na íntegra.

² Universidade Pedagógica de Maputo/Moçambique, E-mail: soniatriz.msuica@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-5080-7556>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3014429272184487>

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro

⁴ Como se trata da descrição de uma fala em evento acadêmico, no texto podem estar presentes alguns termos que dão a entender que estou falando.

Abstract: This text is a speech given at the closing conference of the I Luso-Afro-Brazilian Symposium and VI Luso-Brazilian Symposium on Child Studies, held at the UERJ, in August 2024. In this speech, I pointed out my concerns about the processes that are presented to us in a generic way, without respect for the specificities and the place of each people, social group. Also proposing notes on what "childhoods" could or could not be in these contexts. To this end, I will describe the text presented at the event, in which children, voices, bodies, wisdoms and knowledges are presented, suffocated by the Euro-north-white systems, under the necropoliticizing bias (Mbembe, 2018) that plaster and brutalize us, by not respecting and decentralizing the debate on different childhoods, whether they are: girls who go through other forms of education within the initiation rites, in Mozambique; within the religions of African origins, in Brazil; children from quilombola communities; of the native peoples; from the peripheries of our countries or from other spaces that are invisible and denied in their existence. These writings come from the need to talk about us, for us, from us. A speech anchored in our ancestors, by our elders, seeking to avoid generalizations. Any generalization can lead us to a practical and theoretical failure, as Bibi Bakaré-Yusuf (2003) teaches us.

Keyword: Childhoods; Invisibility; Education.

Resumen: Este texto es un discurso pronunciado en la conferencia de clausura del I Simposio Luso-Afro-Brasileño y VI Simposio Luso-Brasileño de Estudios de la Infancia, celebrado en la UERJ, del de agosto de 2024. En este discurso, señalé mis preocupaciones sobre los procesos que se nos presentan de manera genérica, sin respeto por las especificidades y el lugar de cada pueblo, grupo social. También planteando apuntes sobre lo que podrían o no ser las "infancias" en estos contextos. Para ello, describiré el texto presentado en el evento, en el que se presentan niños, voces, cuerpos, saberes y conocimientos, sofocados por los sistemas euro-norte-blancos, bajo el sesgo necropolitizante (Mbembe, 2018) que nos anquilosan y embrutecen, al no respetar y descentralizar el debate sobre las diferentes infancias, ya sean: niñas que pasan por otras formas de educación dentro de los ritos de iniciación, en Mozambique; dentro de las religiones de origen africano, en Brasil; niños de comunidades quilombolas; de los pueblos originarios; desde las periferias de nuestros países o desde otros espacios que son invisibilizados y negados de su existencia. Estos escritos nacen de la necesidad de hablar de nosotros, sobre nosotros, a partir de nosotros. Un discurso anclado en las huellas y senderos trazados por nuestros antepasados, por nuestros mayores y por nuestras mayores, buscando evitar generalizaciones. Cualquier generalización puede llevarnos a un fracaso práctico y teórico, como nos enseña Bibi Bakaré-Yusuf (2003).

Palabras clave: Infancias; Invisibilidad; Educación.

Antes de seguir com minha fala, peço licença as minhas mais velhas, as mais próximas e as mais novas para poder estar aqui e me reconectar com as minhas destas terras “brasis” e do mundo afora. As mulheres do chão dos meus vilarejos, as quais agradeço, abriram caminhos, pavimentaram espaços e aqui estou ampliando a minha voz para o mundo.

Agradeço vossas presenças e escutas durante este evento e as que terão acesso a esta fala mais tarde. Lá em casa⁵, as mulheres do chão dos meus vilarejos ensinaram-me que, na nossa vida temos apenas duas palavras: a palavra da fala e a palavra da escuta. Por mais incrível que pareça, a mais importante dessas duas palavras é a palavra da escuta. É a escuta que dá sentido a palavra falada. São as vossas escutas que darão sentido à minha palavra. Sem a escuta não temos palavra da fala.

⁵ Não se resume apenas a edifício. É o chão, cheiro, a terra, as árvores, as pessoas em volta, as ancestralidades e divindades, comida. É onde ela habita em nós.



Quando me pediram para falar neste evento, deram-me um tema específico. E pediram meu currículo (CV⁶, Lattes). Não encaminhei. Pois tenho certas dificuldades em passar meu CV para ser anunciado em eventos e demais espaços. Não encaminhei por entender que a vida de uma mulher preta não cabe no Lattes. Mesmo entendendo os protocolos e da necessidade de falar para o mundo que sou uma preta Doutora, preta pesquisadora, preta cineasta, preta atriz, preta escritora, preta mãe solo, entre tantas outras listas que enumeraríamos. Tenho dificuldades de falar em função do que me pedem para desenvolver, pois, na minha terra - cultura, povo, tradição - não se dá nome a um/a bebê antes de nascer.

Mesmo após o nascimento, há um processo que deve ser seguido, todo o processo divino-ancestral envolvido. Só então se nomeará em função de “n” fatores cosmoperceptíveis em volta, que fazem parte dos nossos processos de educações. Perdoem-me, caso não fale (escreva) em função do tema que me deram “**O que nos faz esperançar a infância nas encruzilhadas da atualidade**”.

Agradeço por terem chamado Ondjaki⁷, Tiago Chingore⁸ e Sónia para falarem a partir de Angola e de Moçambique, partindo de suas realidades, mesmo sabendo da tamanha responsabilidade de falar sobre e desde Áfricas. O que é impossível, pois cada espaço possui suas particularidades, especificidades, onde a generalização deles leva-nos a um fracasso teórico e prático, como nos ensina Bibi Bakare–Yousuf (2023).

Ao querermos falar de e sobre Áfricas, que seja a partir deles. E que seja pelas vozes desses povos, pois o que vemos e vivemos, são colegas que passaram uns anos de suas pesquisas a falarem sobre e de nós. A partir das metodologias, das perspectivas, objetivos e interesses delas(es). Com isso, não quero dizer que não se juntem a nós. Devem se juntar a nós, sim. Mas que ao fazê-lo, seja a partir de uma relação de horizontalidade, respeito, escuta, vez e espaço.

Assim, também serve para com os povos originários, candomblés, umbandas, ciganos, quilombolas e demais povos não euronortebrancos que sofrem nesses processos de negação de suas existências. O que não podemos permitir é que outras pessoas falem de nós sem nós. Que não se sentem à mesa para debaterem sobre nós, sem nós. Desta forma, partindo de uma relação de horizontalidade e respeito, sairemos dos espaços em que os povos não euronortebrancos sejam objetos de estudos, financiados pelas grandes

⁶ Curriculum Vitae.

⁷ Escritor Angolano, artista plástico, roteirista cinematográfico e ator.

⁸ Pesquisador e professor da Universidade Licungo, Moçambique - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8227-1637>, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0255734111704714>



multinacionais do dito norte global, que ditam de forma perversa o que se deve fazer, como fazer e para quem fazer.

Essas pessoas (nossas/os colegas) fazem pesquisas de quatro anos ou mesmo um mês e se consideram africanistas, moçambicanistas, indigenistas, umbandistas, quilombolistas, e nós que nascemos e vivemos nessas terras, com nossos cabelos cortados após o nascimento e cordões umbilicais emaranhados com a terra, não somos permitidos falar nem escrever. Pois, para eles, de nossas bocas nada de bom pode vir ou brotar (André, 2019), se perpetuando o pensamento hegeliano e de sua trupe. *Aswifeni* (bem-haja), *khanimabo*, *nabohnga*, *tatenda*, *ndatenda*, *dzikomu kwambiri*, *unoxukurú*. Ou seja, obrigada em algumas línguas de Moçambique, pelo momento, pelo microfone e escrita que ampliam nossas vozes e seres.

Ao estarmos aqui neste evento, que não tenha sido apenas para entrar nos anais, nos relatórios, nos registos fotográficos, num ângulo melhor para que meu rosto apareça e publicarmos nos Facebook, Instagram e WhatsApp. Mas que tenham sido momentos de partilhas, reflexões, ações e que mais atividades iguais a esta sejam realidades na UERJ e no mundo. Gratidão a toda a organização, na pessoa da profa. Stela Guedes⁹ e pela articulação de Sara York¹⁰.

Não andamos sozinhas, andamos em grupo, pois quando uma africana (no meu caso, uma moçambicana) caminha, leva consigo as demais e suas ancestralidades. Por isso, agradeço por fazer parte de um grupo reduzido do meu país, carregando comigo - em minhas entranhas, em cada passo, suor, sorriso, vitórias e derrotas - as inúmeras Sónias que não aparecem, pois são invisibilizadas pelos sistemas matxocráticos¹¹ embrutecidos e embrutecedores, mas que, mesmo com toda opressão sofrida, dão duro por elas e pelas(os) suas(seus) e no fim do dia choram e sangram por dento por não terem conseguido colocar pão para suas filhas e filhos.

São Sónias que são apenas estatísticas das estupradas, violentadas, violadas, naufragadas em barcos em Cabo-Delgado fugindo do terrorismo, das deslocadas das guerras, **das isto mais aquilo**. São Sónias que ao andar pelas ruas precisam ter força, ter raça. Precisam ter gana, trazendo no corpo as marcas misturadas com as dores e alegria.

⁹ Professora associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação da UERJ.

¹⁰ Pesquisadora, professora, jornalista e colunista brasileira. É mestre e doutoranda em Educação pela UFRJ, com ênfase em Estudos de Gênero, Sexualidade e Educação. Ela se apresenta como pessoa com deficiência visual, pai, avó e Travesti da/na Educação, Educadora, Tradutora, especialista em gênero e sexualidade, jornalista e acadêmica, além de ativista pelos direitos da população LGBTQIA+ e pelo direito do uso do nome social e da readaptação de gênero, não garantido pela decisão judicial de 2017.

¹¹ Refere-se ao termo criado pela própria autora, presente na obra: ANDRÉ, Sónia. Outras elas: Mulheres do chão dos meus Mwany. São Paulo: Polo Africanidades, 2025.



Elas precisam ter manha. Precisam ter graça, ter sonho sempre, como nos ensina nosso mestre Milton Nascimento na canção “Maria, Maria” de 1978, mesmo com as marcas tatuadas nas peles e nas almas sustentadas pelas estranhas manias de ter fé e se esperançarem pelas encruzilhadas em que suas filhas e seus filhos cruzarão.

Tendo ampliado a voz para o mundo, através desse convite, e com a pergunta “**o que nos faz esperançar a infância nas encruzilhadas da vida?**” a resposta talvez “possa ser”, a resposta é uma possibilidade, porque não sei se terei ou teria resposta. Feliz quem a tenha. Mas por não ter resposta nem saber se teria, eu digo: talvez seja por ter força, ter manha e ter graça. Mas acima de tudo é por ter/ser **(in)disciplina, resistência e rebeldia** contra todos os sistemas genocidas e negacionistas de nossos corpos e vozes, uma vez que não nos encaixamos nos moldes pré-estabelecidos pelas branquitudes e sistemas heteronormativos ao entender que “somos esperançosas e esperançosos enquanto uma categoria ontológica do ser social que somos” (André, 2023). Seres políticos e **RESISTÊNCIA**. Nossa condição **ESPERANÇA** é por pura **TEIMOSIA**.

É pela teimosia que diariamente encaramos estes sistemas que nos oprimem e que dizem que as meninas e demais corpos pluriversais não podem ter acesso à dignidade humana, ao lhes serem negados à vida quando circulam pelas ruas de seus bairros, o direito de estar em suas casas estudando ou a jogarem uma “peladinha” dentro de seu bairro. Estes sujeitos e sujeitas que não podem ter acesso à dignidade humana quando, por exemplo, as meninas estiverem carregando outras crianças dentro de seus corpos, fruto de estupros sistêmicos, programados e calculados milimetricamente. Ou quando, simplesmente, um menino chega e nos pergunta: o que este “bilau” está fazendo no meu corpo? Que o diga Sara York quando foi levada a uma igreja evangélica para se curar e ser salva do inferno.

É por acreditar na esperança. Não numa esperança do verbo esperar, mas a esperança do verbo esperançar, pois a esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. *Esperançar*, segundo Paulo Freire é se levantar, é ir atrás, é construir, é não desistir! Esperançar é levar adiante, é juntar-se com outros para fazer de outro modo (Freire, 2006).

É uma **ESPERANÇA** de que um dia, apesar de termos sido oprimidas/os não viremos opressoras(es), uma vez que “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor” (Freire, 1997, p. 47). Todo(a) oprimido(a) hospeda dentro de si um(a) opressor(a). Mas que possamos deixar essa(e) opressor(a) adormecida para sempre, como fez e continua fazendo a Sara York ao ter escolhido o caminho do amor, mesmo depois da



bitucadas de cigarro em seu braço. Mas atenção, as vezes penso que precisar deixar sob alerta o opressor(a) dentro de nós, é fundamental para nossa sobrevivência neste mundo que nos adoece.

Se quisermos provar a tese de que um(a) oprimido(a) hospeda dentro de si um(a) opressor(a) perguntemos para um menino ou uma menina: o que quer ser quando crescer? O que também é uma pergunta estranha que nós fazemos às crianças: **o que quer ser quando crescer?** É estranho porque ela está sendo ou deixando de ser criança. Contudo, ela e ele dirão, quando existir vagamente um sonho nessa perspectiva de crescimento, a resposta dessas crianças possivelmente será: polícia, parlamentar, senador(a), ser professor(a). Infelizmente a opressão chega para essa criança pela voz do(a) professor(a), pelo voto do parlamentar e do senador(a), pela violência do(a) policial. E o(a) oprimido(a) deseja a ser opressor(a), pois **O gozo do(a) opressor(a) é o gemido do(a) oprimido(a)**¹².

Uma das minhas esperanças é de que nossas crianças, que um dia serão professoras(es), polícias, parlamentares e senadoras(es), não tenham o **tesão** de querer escutar o **gemido** de um(a) oprimido(a), mas, que ao invés disso, criem asas para poder alçarem seus voos em busca de novos rumos que os(as) farão seres humanos.

Quando vi que o tema do evento seria ‘infâncias’, perguntei-me: que infâncias as pessoas organizadoras do evento querem que eu fale? Das infâncias regidas pelas leis universais e universalizadoras, redigidas em salas climatizadas? Pelas vozes e pessoas do dito norte global para o resto do mundo, que anacronicamente negam as tais infâncias? Sim, fizeram essas leis para o resto do mundo¹³. E os meus não estavam lá, porque para eles (norte global) não temos capacidade de participar nas tomadas de decisões onde o meu corpo, cultura, povo e conhecimento estejam no centro dos debates. Para eles, somos povos com inteligências menores, povos que precisam de tutoras/es para apontar os caminhos e resolver os problemas.

Sendo assim, falarei a partir desse lugar do resto do mundo.

Dentre várias infâncias que poderia trazer, desde o ponto de vista cósmico, das que não obedecem às leis universais e sim a sabedoria de suas ancestralidades – ao entendimento do que talvez nos leve para este evento, trago as meninas do meu país, do Brasil e demais povos do resto do mundo que são violentadas pelos sistemas matocráticos perversos, alicerçadas nas gramáticas e cartografias das invisibilizações, negações e feminicídios. Violências de gênero, causadas pelo fato de serem portadoras do órgão

¹² Palestra proferida pelo Professor Doutor Junot Matos sobre formação de professores, UFAL, 2022

¹³ Europa, EUA e resto do mundo.

biológico feminino – dentro de lógicas da perversidade que abafam as vozes, corpos, seres e ancestralidades de diferentes formas. Ou seja, necropolíticando vidas nas suas variadas facetas.

Falando da necropolitização de vidas e de corpos, bem como de vozes abafadas por esses sistemas, é essencial que nos ancoremos no nosso mais velho¹⁴ Achile Mbembe que nos lembra sobre a estratégia de negação desses corpos e vidas, tal estratégia é fundamental para a sustentação e manutenção dos sistemas ancorados, digo eu, nas matxocracias perversas.

Trago para este momento, crianças meninas que para se inserirem em suas comunidades, estes espaços de crescimento coletivo, comunitário e de cuidado, precisam cultuar suas ancestralidades. Precisam partilhar conhecimentos transmitidos desde as mais velhas até as mais novas. Cuidando da natureza, comunicando-se com a natureza, curando-se pela e com a natureza, mas que ao se fazerem presentes em outros espaços, encontram barreiras criadas pelos sistemas euronortebrancos que validam somente os saberes do dito norte global.

- Assim como poderia trazer, as meninas crianças que estão à deriva, naufragando em barcos na busca de um lugar seguro, fugindo do terrorismo que assola o norte de Moçambique;
- Assim como poderia trazer, as meninas crianças que deveriam ter suas vidas salvaguardadas pelo Estado e seus seguimentos, quando recorrem aos serviços hospitalares na tentativa de apagarem visualmente os estupros vividos e sentidos por elas;
- Assim como poderia trazer, as meninas que lhes são arrancadas de suas mães e pais, por terem que seguir com a feitura de seus santos em seus terreiros;
- Trago as meninas do meu país, que perdem seus úteros e contraem fistulas obstétricas, correndo riscos de suas vidas por serem obrigadas/forçadas a manter relações sexuais em tenra idade (7, 8, 9, 10 anos), com homens mais velhos que elas;
- Trago a menina que deu parto aos 9, quando gravávamos o filme À Espera (2016), na província do Niassa;

¹⁴ Para algumas pessoas.



- Trago as meninas que recorrem ao *Unyago*¹⁵ como o espaço de outras formas de educação, para a afirmação de suas identidades, pertencimentos, religiosidades, sexualidades, existências e resistências, mas que são violentadas por sujeitos, instituições, políticas e discursos que alegam que a cultura destas deva ser banida, pois não confere civilidade e, por conseguinte, indigna de ser seguida e difundida. A cultura do euronortebranco é a que deve e é espalhada em nossas escolas e universidades ditando, de forma perversa e controlada as vidas dessas meninas.

Quando se nega que estas meninas crianças tenham seus saberes validados tanto quanto as do euronortebranco, permitimos que seus direitos, garantidos pelos instrumentos regionais e (inter)nacionais também sejam negados, direitos como: Educação; Cultura; O direito de ir e vir; O direito de manifestar livremente suas crenças, tendo suas existências respeitadas.

Ao permitirmos a negação desses direitos, aceitamos que elas não tenham ferramentas suficientes para poder lutar pelos seus direitos e deveres num Estado democrático e de direito. Com isso, não quero dizer que não existam leis. Existem dentro da CR¹⁶, instrumentos regionais e (inter)nacionais, no qual Moçambique é seu ratificador, como a 19/2019, criada para proteger as meninas que são forçadas a se casarem com homens mais velhos que elas, em idade tenra. Meninas que são forçadas a abandonar o percurso natural da vida, tendo que deixar até mesmo o desejo de virem a ser mães, caso este fosse a vontade delas.

No que tange ao tema da maternidade, muitas meninas são forçadas a serem mães, ou terem seu corpo invadido por violadores que estão dentro de suas casas (pai, tio, irmão, avó, vizinho). Violadas por professores, que ao serem denunciados, o sistema lhes transfere para outra escola ou município, perpetuando, desta forma, seu ser violento e assassino. Também são frequentes os casos de deputados que após violarem menores assumem seus mandatos, mesmo com sangue das meninas escorrendo em suas virilhas e pernas. O sangue jorra e escorre porque teve que ser escancarada para que o corpo de um adulto penetrasse, deixando carimbadas na alma e no corpo, as mazelas de nossos estados e sistemas.

¹⁵ Na língua yaawo, da província do Niassa, norte de Moçambique, quer dizer ritos de iniciação.

¹⁶ Constituição da República.



As meninas, ao saírem de casa, só tem a certeza de que saíram. Não tem a certeza de que voltarão e em segurança, sem que seus corpos alimentem os abutres de tocaias pelas ruas dos bairros delas, com rumo às escolas, aos mercados, aos terreiros, ao Unyago, ou apenas exercendo seus direitos de ir e vir.

Nosso mais velho Mbembe disse: vivemos em espaços em que os sistemas ditam quem pode/deve viver e quem deve morrer. Estamos em espaços em que os poderes e sistemas mostram que o “deixar morrer” é a norma para a manutenção de seus poderes de matxocratas perversos, cuja função não deveria ser a de criar **zonas e corredores de mortes, mas a de estabelecer o limite entre os direitos, à violência e a morte.**

As meninas negras pelo mundo afora com corpos pluriversais, que praticam seus ritos e rituais, crianças que acreditam nos ensinamentos de suas ancestralidades, ancoradas nas filosofias ancestrais e do cuidado, nas filosofias da partilha, nas bionarrativas, nas cosmopercepções e em nossas escolas. Todas essas crianças estão nos corredores da morte onde o estrangulamento de seus corpos e existências é fato.

Precisamos estar atentas(os) para o que elas passam nos espaços que deveriam ser seguros para elas. Para isso, cabem pesquisas profundas para tomadas de decisões sérias, aliadas a soluções concretas, Políticas Públicas, Políticas Educacionais, Políticas Sociais, Justiças Sociais, Justiças Epistêmicas e Cognitivas que permitam que essas crianças sejam elas em sua plenitude e usufruindo de seus Direitos e exercendo seus deveres.

Nossas medidas e decisões devem ser as que nos ajudem no combate à negação da vida das meninas em idade tenra e escolar, do mesmo modo, estas medidas devem auxiliar na condenação daqueles que se valem delas para exalarem suas testosteronas e seus seres narcísicos nos corredores da morte.

Precisamos nos incomodar, indignar e envergonhar pelo nosso despreparo como educadoras e educadores, com a nossa incapacidade de lidarmos com as diferenças e nos aliarmos a debates mais sérios em prol de nossas meninas em nossas escolas, terreiros, no Unyago, na casa dos caciques e demais espaços educacionais sem que coloquemos a culpa nela. A menina criança.

Pois, o que se repete é que, a culpa é sempre delas: fracas, indefesas, abandonadas pelos sistemas e todos seus segmentos. A culpa é delas que estão com o corpo que parece ser de uma adulta, cuja estrutura física poderá, segundo eles, suportá-los em seus carros e seus gabinetes. Os carros e gabinetes dos meus colegas professores viraram motéis sem



preservativos, convertendo-se em espaços de negação de vida das meninas dentro de nossas escolas.

Afirma-se que a culpa é delas por nos procurarem em busca de dinheiro para comprar materiais escolares. A culpa é delas que nos interpelam pedindo dinheiro para subir nos transportes públicos de volta para suas casas. A culpa é delas que usam blusas com decotes, saias curtas que atiçam.

Sim, vos atiçam caros violadores e vossas mãos em prontidão no zíper de vossas calças para exercerem vossas animalidades, uma vez que não são professores. Muito menos seres humanos. Não basta ter a cabeça colada ao tronco para serem seres humanos. Não basta ser bípede para tornar-se ser humano. Se forem considerados seres humanos, das duas uma: ou são criminosos e precisam ser punidos com a pena máxima e inafiançável de nossos países; ou eles possuem uma doença neurológica degenerativa que precisa ser investigada, uma vez que não entendem que corpo de uma menina é apenas de uma menina. É apenas criança.

Ao nos deparamos com sujeitos que se valem de justificativas infundáveis dentro de estados democráticos e de direitos; quando temos uma escola que culpabiliza a vítima; quando nos deparamos com sujeitos que culpam a cultura do nativo para sua exclusão, negação e, por conseguinte a morte delas, estamos perante uma sociedade que precisa ser repensada. **Estamos fracassadas(os).**

Mesmo assim, precisamos esperar, levantando nossas cabeças para que nossas coroas não caiam. Caminhando rumo a sociedades mais justas, mais humanas, com equidade, de justiças sociais e restituição epistêmica. Ansiamos por uma sociedade que respeite o diferente, para gritarmos para o mundo com a mensagem que o filme À Espera que nos dirá:

Sim, elas estão a esperar. Por respeito de suas infâncias, dignidade, liberdade de suas escolhas, equidade de gênero, por uma educação emancipatória. Suas vozes erguidas, ouvidas e respeitadas. Todas elas esperam um futuro melhor, onde casar seja uma escolha e não uma sentença" (Filme À Espera, 2016).

Assim sendo, como sempre falo quando tenho a oportunidade de fala, falarei agora neste encontro (nesta escrita): é necessário que as escolas, universidade, mídias brasileiras e internacionais, as multinacionais do dito norte global, deêm um pouco mais de atenção ao continente africano, aos seus povos e suas diásporas. Povos nativos e descendentes, os de lá e os de cá, afro-diaspóricos e afrodiapóricas.

Penso ser importante não manter o foco nas coisas ruins, pois essas quando acontecem tomam um eco imediato. Mas nas coisas boas, que são inúmeras e acontecem



nestes espaços todos os dias. Atenção aos pesquisadores e pesquisadoras, produtoras e produtores do conhecimento ancestral, local e universal. Fazendo isso, prestariam um grande serviço no aumento da autoestima de todas afro-brasileiras, de todos os afro-brasileiros, cujas raízes, cujo cordão umbilical, cujos cabelos cortados após o nascimento encontram-se enterrados na África, berço da Humanidade.

Assim como o manifesto, digo: Amém para quem é de amém, *asé* para quem é de *asé*, *blessed be* para quem é da magia, *thokoza* para quem é do *thokoza*, *siya vuma* para quem é do *siya vuma*, amor para quem é do bem e um abraço para quem é da arte e da ciência.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, S.; VASCONCELOS, N. **À Espera**. Niassa/Moçambique. Thandy Produções Culturais e Estúdio Atroà. 2016.
- ANDRÉ, S. **O *Unyago* na Educação da menina/mulher entre o povo yaawo da província do Niassa/Moçambique**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Alagoas, 2019.
- ANDRÉ, S. **Ritos de Iniciação não acrescentam idade cronológica às meninas**. Entrevista concedida ao Jornal Generus, Maputo. 21 de dezembro de 2020.
- BAKARE-YUSUF, Bibi. **Beyond Determinism: The Phenomenology of African Female Existence**. In: FeministaAfrica, Issue 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

